



O cirurgião-dentista José Luis Muñante-Cárdenas, autor da tese, durante atendimento na FOP: pais devem ficar atentos



Foto: Divulgação

Bicicleta e falta de prevenção expõem crianças a risco de traumatismo facial

RAQUEL DO CARMO SANTOS

kel@unicamp.br

Pesquisa realizada pelo cirurgião-dentista José Luis Muñante- Cárdenas na Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP) apontou que os tombos de bicicleta foram as principais causas de traumatismos na face de crianças e adolescentes atendidos pela Área de Cirurgia Buco-maxilo-facial. Levantamento feito pelo especialista mostrou que 27% dos 757 pacientes que passaram pela unidade tiveram lesões faciais motivadas pelos acidentes ciclisticos. Neste sentido, a pesquisa alerta para a necessidade de os pais ficarem mais atentos aos passeios de bicicleta dos filhos, sobretudo com relação ao uso de dispositivos de segurança. A segunda causa das fraturas nos ossos da face ficou por conta das quedas das mais variadas, somando 16%.

O que chama a atenção no estudo desenvolvido por Muñante-Cárdenas foi a alta porcentagem de pacientes que não usaram capacetes e equipamentos preventivos que atenuam as consequências dos acidentes de uma maneira geral. No caso das bicicletas, 98% não estavam utilizando nenhum dispositivo de segurança na hora do acidente. Acidentes de carro e moto foram responsáveis por 10% e 8% dos casos, respectivamente – trata-se, segundo o especialista, de outro grande problema que requer ações preventivas. Em média, 77% das crianças acidentadas não estavam com cinto de segurança ou aparelho de proteção nos veículos no momento da ocorrência. Já no caso das motos, embora a maioria – 65% – estivesse utilizando capacete, 34% dos atendidos estavam sem o dispositivo.

“Isto denota uma falta na prevenção de acidentes por parte dos pais ou pessoas responsáveis por essas crianças. Em minha opinião, seriam

necessárias ações educativas mais incisivas que minimizassem o problema”, alerta Muñante-Cárdenas, que no estudo identificou que os meninos são os campeões em acidentes que envolvem o traumatismo facial, pois somaram 70% dos casos, enquanto as meninas totalizaram 227 atendimentos, ou seja, quase 30%.

O estudo, orientado pelo professor José Ricardo de Albergaria Barbosa, contemplou o período de 1999 a 2008 para se analisar as diferentes características das fraturas faciais na população pediátrica atendida na região de Piracicaba, que envolve também os municípios de Rio Claro e Limeira. Em dez anos, os atendimentos totalizaram 2.986, mas Muñante-Cárdenas focou seu trabalho apenas nos pacientes menores de 18 anos.

“Os estudos epidemiológicos de lesões faciais permitem o desenho das circunstâncias de risco e a identificação dos indivíduos mais

suscetíveis a elas. Outro aspecto importante é que a avaliação da eficácia do tratamento instituído e a compreensão de suas complicações permitem uma interpretação realista e coerente da melhor forma como estes doentes devem ser conduzidos”, destaca o cirurgião-dentista.

A pesquisa apontou também que o osso facial mais afetado por fraturas foi a mandíbula. Este diagnóstico somou 44,8% dos casos, sendo o tratamento cirúrgico realizado em 49% deles. Há que se lembrar as complicações no pós-operatório decorrente dos processos cirúrgicos, que no estudo, os mais comuns foram hemorragia, infecções, perda do material de fixação interna, alteração da sensibilidade e restrição da movimentação ocular. Já as fraturas nos ossos nasais somaram 30,8% dos registros, enquanto aquelas ligadas ao terço médio facial, consistiram em 23,20% dos casos.

Os dados apurados no estudo

levantam questões importantes para a compreensão do trauma infantil. O cirurgião-dentista destaca que este tipo de abordagem merece uma atenção especial, uma vez que a anatomia e fisiologia óssea facial nas crianças e adolescentes são próprias de cada estágio do desenvolvimento e, por isso, a escolha pelo tratamento a ser seguido é fundamental.

Se no passado os estudos enfatizavam a técnica e os aspectos cirúrgicos, explica o autor da pesquisa, atualmente estes apresentam crescente interesse pela etiologia e prevenção do trauma infantil. “Isto porque, uma vez fraturado o osso, é indicado o tratamento minimamente invasivo para não limitar o potencial osteogênico e o desenvolvimento dentário normal. No entanto, existem situações em que os traumatismos são graves e se fazem necessárias intervenções mais profundas, como a redução aberta e fixação interna rígida”, explica Muñante-Cárdenas ao citar as várias consequências que este tipo de fratura pode causar às crianças e adolescentes, além dos altos custos de procedimentos.

Outro aspecto destacado pelo cirurgião-dentista em seu estudo foi o número de fraturas faciais associadas à agressão física motivadas pelas brigas entre os indivíduos do mesmo grupo etário. Só no grupo de adolescentes, somaram 33 lesões. De maneira geral, Muñante-Cárdenas chama a atenção ainda para a elevada incidência de traumas e fraturas de face em pacientes pediátricos e adolescentes na região de estudo.

Nas referências internacionais, o trauma maxilofacial representa porcentagens entre 1% e 14%, enquanto que a pesquisa apontou 30%. “O percentual é considerado extremamente alto e, por isso, a necessidade de medidas preventivas”, conclui. O estudo contou com a participação dos professores Márcio de Moraes e Roger Moreira, da Área de Cirurgia Buco-maxilo-facial da FOP.

Publicação:

Dissertação “Trauma facial em pacientes pediátricos e adolescentes: análise epidemiológica”

Autor: José Luiz Muñante-Cárdenas

Orientador: José Ricardo de Albergaria Barbosa

Unidade: Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP)

Financiamento: Capes

Método monitora capacidade aeróbica de nadadores

Pesquisa realizada pelo educador físico Alessandro Custódio Marques e apresentada na Faculdade de Educação Física (FEF) testou um método não-invasivo para monitorar a capacidade aeróbica de nadadores na categoria nado costas. Em geral, este tipo de monitoramento é feito por exames clínicos, mediante coleta de sangue, o que constitui um alto custo para o atleta, além de todos os inconvenientes de um método invasivo.

“A utilização de protocolos não-invasivos na determinação da transição entre o metabolismo aeróbio e anaeróbico de atletas tem se tornado constante na busca de índices que possam auxiliar no controle da intensidade no treinamento”, destaca Marques.

A proposta do estudo seria utilizar, justamente, um protocolo já validado em literatura internacional de estímulos em diferentes distâncias como ocorre com atletas no nado *crawl*. Segundo o educador físico, quando se mudam as características do nado, todas as propriedades biomecânicas e metabólicas sofrem modificações e, por isso, a importância de se determinar essas respostas com a vantagem de

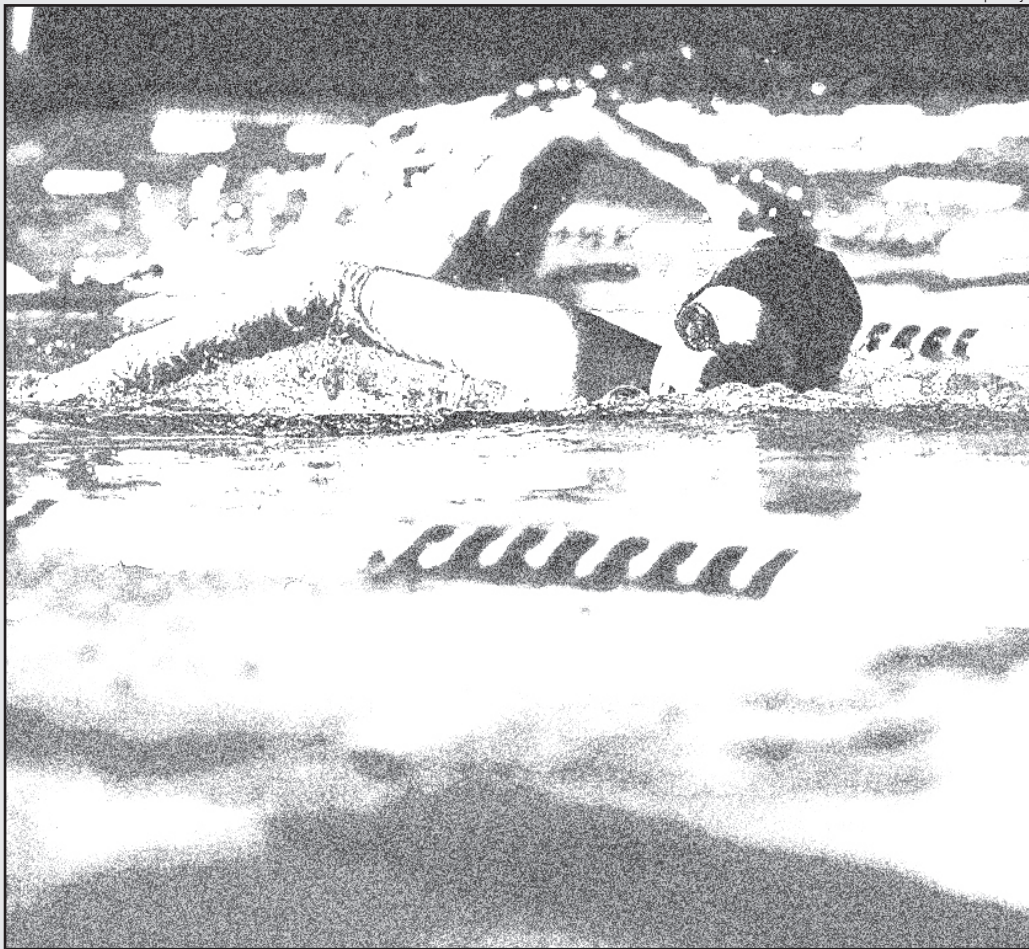


Foto: Reprodução

não precisar de um exame laboratorial.

Marques sugere ainda que este tipo de método para monitoramento pode fazer parte do programa de treino, verificando as constantes adaptações orgânicas que ocorrem durante uma temporada. A pesquisa, orientada pelo professor Orival Andries Junior, contou com 12 voluntários, nadadores de costas de ambos os sexos com idades entre 15 e 26 anos. Ao comparar os resultados das amostras de sangue e da aplicação do método indireto, concluiu-se que se trata de uma forma eficaz, além de ser uma boa ferramenta na verificação da sensibilidade ao treinamento, tanto no nado costas como também no nado *crawl*. Ou seja, um protocolo muito útil na avaliação de uma grande quantidade de atletas e um custo extremamente baixo para sua realização. (R.C.S.)

Publicação:

Dissertação “Determinação da velocidade crítica como referência do limiar anaeróbico para o nado costas”

Fonte: Alessandro Custódio Marques

Orientador: Orival Andries Junior

Unidade: Faculdade de Educação Física (FEF)